

Distribuição de renda e o modelo clássico

FABIO ANDERAO DE ARAUJO

Na sessão de abertura da Jornada de Reflexión sobre el Pensamiento Económico Brasileño – Tres Generaciones, realizada em agosto de 1999 na Universidade Nacional de San Martín, em Buenos Aires, Luiz Bresser-Pereira afirmou:

Sempre aliei a atividade acadêmica, que para mim é a principal, com uma atividade prática, seja no plano empresarial, seja no político. E ainda que aos intelectuais seja prudente ser pessimista, sempre fui otimista a respeito da efetividade da intervenção humana para transformar o mundo em que vivemos em sociedades mais predizíveis, mais justas, mais livres e mais prósperas. Estas duas opções custaram-me caro junto à academia, que se sente mais segura com um pessimismo desencantado e tem dificuldade em aceitar membros que usam “dois chapéus”. E tiveram um custo para mim, ao exigirem disciplina pessoal e trabalho redobrado.¹

¹ Bresser-Pereira, 2000:155.

Também vale registrar a seguinte passagem: “Nesse esforço ficará claro que a minha identificação pessoal no campo das ciências não é fácil de ser feita”.²

Para alguém que acompanha a trajetória intelectual e política do Luiz Carlos desde 1975, à época como aluno do curso de graduação da FGV/Eaesp e mais recentemente como participante das discussões acadêmicas promovidas pelo Centro de Economia Política, creio que o testemunho transcrito, dado por ele, resume bem a posição que ocupa no cenário econômico brasileiro, seja como economista, sociólogo do desenvolvimento, seja como cientista social. Aliás, esta última definição me parece ser hoje a que mais se aproxima da atividade exercida pelo Luiz Carlos.

Como é amplo o espectro de idéias defendidas pelo Luiz Carlos na área das ciências sociais, quero concentrar-me na sua contribuição teórica para entender a distribuição de renda na economia capitalista.

Nesse sentido, duas obras me parecem importantes.

A primeira é *Lucro, acumulação e crise*, publicada em 1986 e que corresponde à tese de livre-docência em economia na USP, pela sua originalidade na análise da lei da queda tendencial da taxa de lucro de Marx, que ocupa a primeira parte do livro.

A segunda é “*Investment decision and the interest rate in normal and exceptional times*”,³ sobre a relevância da taxa de juro nas decisões de investimento do empresariado brasileiro. A meu ver, as conclusões desta pesquisa, que serviram também para comparar o poder explicativo de algumas teorias de investimento, permanecem na sua essência bastante atuais para analisar a presente crise econômica brasileira, em que prevalece uma transferência brutal de renda para o setor financeiro, em detrimento dos demais.

Sobre a escolha dessas duas obras, cabe uma breve justificativa. Embora Bresser-Pereira, em parceria com Yoshiaki Nakano, tenha dado uma contribuição fundamental para entender o processo inflacionário recente no

² Bresser-Pereira, 2000:155.

³ Apresentada ao XVI Congresso Internacional da Latin American Studies Association (Lasa), realizado em Washington, em 1991.

Brasil, através de sua teoria da inflação inercial, esta teoria não se resume aos aspectos meramente distributivos. Os efeitos mais perversos do processo inflacionário ocorrem a longo prazo, afetando o crescimento econômico e o nível de emprego, questões que fogem ao propósito deste ensaio.

I

Em *Lucro, acumulação e crise*, Bresser-Pereira foi o primeiro economista brasileiro a analisar exaustivamente, na ótica da teoria do valor-trabalho, as várias formas do progresso técnico e seus efeitos sobre a distribuição de renda e sobre o desenvolvimento da economia capitalista.

Antes de Bresser-Pereira, Guido Mantega havia escrito um artigo amplo sobre a polêmica que se vinha desenrolando na década de 1970 sobre a lei da queda tendencial da taxa de lucro. Em “A lei da taxa de lucro: a tendência da queda ou a queda da tendência?”,⁴ Guido Mantega teve por objetivo interpretar as contribuições de David Yaffe, Paul Mattick, Mario Cogoy, Paul Sweezy, Joseph Gillman e outros, além do próprio Marx, e daí derivar algumas conclusões sobre a polêmica. Entretanto, ao analisar a evolução da taxa de lucro, Mantega manteve a tradição marxista de contrapor o capital constante ao capital variável, isto é, conferiu um peso excessivo à luta de classes. Isto, na minha opinião, levou-o a subestimar a importância do progresso técnico, cujo desenvolvimento vinha ocorrendo com maior intensidade a partir do final do século XIX. A taxa de lucro modifica-se por dois motivos: mudanças na distribuição de renda ou nos métodos de produção. Para entender a economia real, não basta reconhecer a importância do progresso técnico. Porém, é necessário também identificar o tipo de progresso técnico que prevalece em cada fase do desenvolvimento econômico e como ele influencia a evolução da taxa geral de lucro e, por conseguinte, o ritmo da acumulação de capital. Foi o que Bresser-Pereira fez na primeira parte de seu livro.

Nesse campo teórico, além de Bresser-Pereira no Brasil, foram poucos os economistas que adotaram um raciocínio diferente da linha dogmática

⁴ Mantega, 1976.

de Marx, como por exemplo, Bertrand Schefold no seu excelente artigo “*Capital fijo, acumulación e progreso técnico*”.⁵ Contudo, o objetivo de Schefold não foi analisar o processo de acumulação de capital de uma perspectiva histórica, mas apenas dar um tratamento analítico mais rigoroso a algumas formas de progresso técnico.

Bresser-Pereira classificou três formas relevantes de progresso técnico, a saber: o progresso técnico dispendioso de capital ou poupador de trabalho, o progresso neutro e o progresso técnico poupador de capital. A relação básica que identifica o tipo de progresso técnico predominante é a relação produto-capital (Y/K) e que corresponde à taxa máxima de lucro na economia (equivalente à razão R no Sistema Padrão de Sraffa). No primeiro caso, a relação Y/K é decrescente, embora a produção agregada da economia cresça. No progresso técnico neutro, a relação Y/K mantém-se constante; finalmente, no terceiro tipo, a relação Y/K é crescente.

Sobei H. Oda, da Universidade de Kyoto, no Japão, chegou a admitir a existência de um quarto tipo de progresso técnico, o poupador de tempo (*time saving technical progress*), que reduz o tempo necessário de produção sem alterar a quantidade física de insumos e trabalho direto por unidade produzida.⁶ Em outras palavras, ele poupa capital (um conjunto heterogêneo de mercadorias) e trabalho direto na mesma intensidade. Acredito que este tipo de progresso técnico deriva em grande parte dos desenvolvimentos na área de informática, com aumento da automação nas fábricas e nas atividades de serviços. Contudo, exceto pelo artigo de Sobei Oda, não encontrei na literatura trabalhos teóricos ou empíricos que demonstrassem a relevância desse tipo de progresso técnico relativamente aos outros três analisados por Bresser-Pereira.

O progresso técnico poupador de trabalho foi, historicamente, o primeiro a ser introduzido e consistia na mera substituição da mão-de-obra direta por máquinas (mecanização). A rigor, o progresso técnico *poupador de trabalho* deveria ser denominado *poupador de trabalho direto*, porque é a

⁵ Schefold, 1986.

⁶ Oda, 1991.

mecanização substituindo o trabalho humano. A mecanização se traduzia em um aumento da produtividade e na elevação da taxa geral de lucro, pois o valor da depreciação adicional era inferior ao montante dos salários poupados. Entretanto, na medida em que este processo de mecanização era estendido a outros setores da economia, o desenvolvimento tecnológico não avançava o suficiente para que as novas máquinas fossem significativamente mais eficientes que as anteriores. Nesse sentido, como Bresser-Pereira explica em detalhes no terceiro capítulo, os lucros cresciam a um ritmo inferior ao do estoque de capital. O resultado era que a taxa média de lucro nos períodos seguintes seria declinante, o que confirmava empiricamente a teoria de Marx.

A grande maioria dos trabalhos posteriores nessa área, seguindo a tradição marxista, procurava reafirmar a conclusão de Marx sobre a inexorabilidade da queda tendencial da taxa de lucro.

Para Bresser-Pereira, porém, esta conclusão era apressada, porque o terceiro tipo de progresso técnico, isto é, poupador de capital, caracteriza-se pela substituição contínua de máquinas menos eficientes por máquinas mais eficientes, permitindo um aumento significativo da produtividade, conforme ele demonstra no terceiro capítulo de seu livro. A taxa geral de lucro neste contexto pode crescer (salários reais estáveis), como pode manter-se constante (salários reais crescentes). A difusão do progresso técnico poupador de capital ocorreu nos países mais desenvolvidos a partir do final do século XIX. A taxa geral de lucro nesses países manteve-se constante ou caiu muito pouco devido à maior produtividade obtida, pois, no longo prazo, a participação relativa dos salários na renda nacional vinha crescendo. Este fato histórico foi de grande importância para a consolidação do sistema capitalista e explica a relativa estabilidade política nesses países. Foi a esse tipo de progresso técnico que Marx deu pouca atenção, ou não viveu o suficiente para perceber sua importância, ao formular a teoria da queda tendencial da taxa de lucro.

O progresso técnico neutro, no qual a relação produto-capital permanece constante, nunca chegou a ser representativo na economia, mas tem sido um conceito de cunho pedagógico, bastante utilizado nos modelos de

crescimento, em particular nos modelos de Harrod e de Von Newmann. Para Bresser-Pereira, esse tipo de progresso técnico ocorreu por um breve período, na transição do progresso técnico poupador de trabalho para o progresso técnico poupador de capital.

Outras questões relevantes relacionadas com o progresso técnico, como, por exemplo, a escolha de técnicas (*choice of techniques*), cuja discussão dominou o debate acadêmico nos anos 1960 entre as duas Cambridges, são também analisadas por Bresser-Pereira, bem como o Teorema de Okishio, segundo o qual o capitalista, ao decidir por uma nova técnica de produção, se orienta pelo critério de menor custo e não pela maior produtividade.

A distribuição da renda propriamente dita é discutida pelo autor no capítulo oitavo, que é um dos mais interessantes do livro. Bresser-Pereira, ao formular uma teoria de longo prazo para os salários, propôs de modo independente que a taxa de salário é determinada como um resíduo na repartição do excedente, rompendo com a tradição clássico-marxista. Assim afirma o autor:

Neste modelo, ao contrário da visão da economia política clássica, a variável independente na distribuição de renda deixa de ser a taxa de salários e a taxa de lucro deixa de ser o resíduo. Inversamente, agora é uma taxa razoável ou planejada de lucro a variável independente e a taxa de salários, a variável dependente ou o resíduo.⁷

Adiante, ele reafirma sua posição: “Podemos, entretanto, inverter a proposição clássica e considerar a taxa de lucro como o dado estrutural a longo prazo do sistema capitalista e a taxa de salário como o resíduo”.⁸

Para os economistas clássicos, a inclusão do salário era parte integrante do consumo necessário e tem sua origem em Smith e em Ricardo. Para Smith, o salário podia ser previamente determinado, como um conjunto de bens necessários à reprodução da classe operária, isto é, um nível mínimo de subsistência (*subsistence minimum*), mais uma parcela, que preservasse o

⁷ Bresser-Pereira, 1988:116.

⁸ *Ibid.*, p. 124.

caráter social da classe trabalhadora, além de fatores institucionais que impediam que essa mesma classe trabalhadora viesse a tirar proveito de situações excepcionais para aumentar o salário nominal. Para Ricardo, embora o salário real, de longo prazo, seja determinado pelas condições de produção (trabalho e tecnologia) e tenha uma tendência a subir devido às crescentes dificuldades para produzir os bens essenciais, a importação desses bens essenciais e os melhoramentos na agricultura podiam contrabalançar aquela tendência. Assim, na economia clássica, o salário passou a ser um dado endógeno ao sistema e a taxa de lucro determinada como um resíduo.

O salário como variável dependente surgiu com Marx, ao analisar a demanda de força de trabalho no decorrer do ciclo econômico. Em *O capital*, livro I, seção VII, capítulo XXIII, Marx afirmou que “a magnitude da acumulação é a variável independente, a magnitude do salário a dependente e não o contrário”. Porém, no livro III, seção II, capítulo IX, na transformação dos valores-trabalho em preços de produção, Marx acabou por adotar o salário como dado, composto por uma cesta de bens no nível de subsistência: “é certo que o salário diário médio é sempre igual ao produto-valor do número de horas que o operário tem que trabalhar para produzir os meios de subsistência”.⁹

O assunto só voltou a ser discutido na teoria econômica com Kaldor, em 1956. Ao fazer uma apresentação do modelo keynesiano em seu conhecido artigo “*Alternative theories of distribution*”, Kaldor afirmou: “Este modelo em certo sentido é exatamente o oposto ao ricardiano (ou marxiano) – aqui os salários (e não os lucros) são o resíduo, sendo que os lucros são governados pela propensão ao investimento e pela propensão ao consumo dos capitalistas”.¹⁰ Esta colocação de Kaldor resulta mais de uma constatação do que propriamente de seu posicionamento a favor do salário como variável dependente.

Em 1960, Sraffa fez a conhecida sugestão de adotar a taxa monetária de juro como *proxy* da taxa de lucro, afirmando que “a taxa de lucro é suscetível

⁹ Rego, 1986.

¹⁰ Kaldor, 1960:230.

vel de ser determinada fora do sistema de produção, em particular pelo nível da taxa monetária de juro” e “o salário passa a ser considerado como ‘dado’ em termos mais ou menos abstratos e não adquire um significado preciso antes de serem conhecidos os preços das mercadorias”. Também no capítulo segundo, seção 8, de seu livro, Sraffa fez uma outra referência ao salário como resíduo: “A partir deste ponto, precisamos levar em conta um outro aspecto dos salários, pois, além do elemento subsistência que está sempre presente, eles podem incluir uma parcela do excedente”.¹¹

O principal objetivo de Sraffa foi demonstrar que existe uma alternativa à teoria neoclássica da distribuição de renda. Para Sraffa e os economistas clássicos, produção e distribuição são duas fases distintas e ele apresenta razões de natureza histórico-institucional para explicar que a taxa monetária de juro exerce um papel importante na distribuição de renda, uma vez que *ex-ante* ela é o principal referencial da taxa esperada de lucro.

Segundo Sraffa,

no passado, os empreendedores, ao decidirem investir, eram fortemente influenciados pelo ritmo de geral da economia e pela forma como ela se comportava nos períodos recentes. Contudo, ao primeiro aceno de queda nos níveis de produção, os investimentos eram suspensos. Atualmente, ao contrário (estamos em 1963/64), eles esperam que as autoridades monetárias estejam em condições de regular o andamento do sistema para restabelecer o ritmo de crescimento normal. Espera-se, portanto, que o rendimento dos investimentos retorne ao nível normal. Mesmo os banqueiros raciocinam desta maneira. Eis por que as taxas de juro representam um indicador da taxa de lucro. Eis também por que não existem mais as oscilações do passado e assim o crescimento do sistema é mais estável.¹²

Entretanto, a não ser por esse breve relato, Sraffa não logrou elaborar uma teoria que explicasse como as taxas de lucro e de juro estão relacionadas.

¹¹ Sraffa, 1960.

¹² Relato feito por Sraffa a Terenzio Cozzi (Bellofiore, 1986).

Nas décadas de 1950 a 1970, a discussão teórica de linha marxista tinha um componente ideológico muito forte, isto é, concentrava-se mais no julgamento ético e moral do sistema econômico, e menos na crítica das dificuldades formais da teoria sobre a qual as políticas econômicas estavam apoiadas. Não é exagero afirmar que a publicação da obra de Piero Sraffa estabeleceu uma linha divisória entre o velho marxismo e novo marxismo, ao realizar uma crítica formal rigorosa à teoria econômica dominante.

Bresser-Pereira, por sua vez, verificou que, historicamente, a taxa de lucro mantinha-se em um patamar quase constante a partir do último quartel do século XIX. Observou também que, dado o poder de barganha dos trabalhadores nos países capitalistas desenvolvidos, o nível do salário real crescia, acompanhando o aumento da produtividade do trabalho, como ele demonstra no décimo capítulo de seu livro. O autor conclui então que o progresso técnico dominante só poderia ser do tipo poupador de capital.

Para Bresser-Pereira, porém, ainda não estava claro se era o salário ou a taxa de lucro que possuía um caráter autônomo. A sua conclusão era de que os capitalistas tinham condições de estabelecer no cálculo econômico um determinado percentual para a taxa de lucro que julgavam adequado, isto é, um valor que ficasse acima da taxa real média de juro. Os salários, por outro lado, seriam então determinados pela diferença entre o excedente e a massa de lucros.

Assim, o nível da taxa de lucro, para Bresser-Pereira, seria estabelecido pelos capitalistas em função daquilo que eles consideram satisfatório, pois “a (grande) empresa está disposta a sacrificar no curto prazo um lucro exagerado (...) para, no longo prazo, atingir taxas objetivas de lucro, compatíveis com um crescimento estável e sólido”.¹³

No modelo de Sraffa, a proposta de considerar a taxa de lucro uma variável independente resultou de um processo histórico-indutivo, enquanto em Bresser-Pereira ela derivou de um processo histórico-dedutivo.

¹³ Bresser-Pereira, 1988:125.

Outro aspecto interessante, indiretamente identificado por Bresser-Pereira no oitavo capítulo, diz respeito ao paradoxo de Leontief, quando ele analisa a indeterminação do custo de reprodução da força de trabalho.¹⁴ Na década de 1960, alguns economistas ficaram surpresos ao observar que os países industrializados exportavam para os países pobres bens intensivos em trabalho e não em capital, ao contrário do que se poderia esperar. Porém, em 1954, utilizando-se da tabela de insumo-produto para a economia americana, o conhecido economista Wassily Leontief, prêmio Nobel de economia de 1973, demonstrou que esse fato não consistia em um paradoxo, pois os bens exportados eram intensivos em massa salarial e não em horas de trabalho. O paradoxo de Leontief, como ficou posteriormente conhecido, devia-se ao fato de que os economistas não haviam percebido que os salários naqueles países haviam crescido, em termos reais, muito acima do nível de subsistência, sem que houvesse uma queda na taxa geral de lucro. Isso comprovava que o progresso técnico poupador de capital prevalecia sobre o poupador de trabalho direto.

II

A segunda obra que merece ser recordada é "*Investment decision and the interest rate in normal and exceptional times*", resultado de uma pesquisa empírica realizada por Bresser-Pereira em 1990 com grandes empresas industriais no Brasil, repetindo uma pesquisa semelhante que ele mesmo havia realizado 20 anos antes.¹⁵

Nesse ensaio, o autor se propõe a responder a seguinte questão: as teorias de investimento oferecem uma explicação aceitável para a queda da taxa de investimento no Brasil nas décadas de 1970 e 80? Como, à época da pesquisa, o Brasil estava no meio de uma nova crise, Bresser-Pereira concluiu que em tempos "normais", a taxa esperada de lucro é mais importante

¹⁴ Bresser-Pereira, 1988:120.

¹⁵ Bresser-Pereira, 1970.

do que a taxa de juro na decisão de investimento. Porém, em períodos excepcionais (*exceptional times*), ocorre o contrário, pois uma crise profunda reduz a expectativa de lucros no setor privado. O governo, para manter a demanda agregada em determinado nível, realiza investimentos nas áreas social e de infra-estrutura. Contudo, complementa sua necessidade de recursos através de empréstimos (aumento do endividamento público), pressionando a taxa de juro para cima, uma inversão do fenómeno *cushion pad*, sobretudo quando o país já apresenta um elevado endividamento líquido e com *duration* reduzido. Esta situação se verifica hoje no Brasil, com o mesmo círculo vicioso que Bresser-Pereira identificou na ocasião da apresentação do seu ensaio, em 1990.

Nesse texto, Bresser-Pereira discute resumidamente cinco principais teorias de investimento: a *clássica*, na qual a expectativa de lucros é a variável relevante; a *neoclássica*, ou teoria subjetiva do valor, que supõe uma perfeita harmonia entre taxa de juro e taxa de lucro; a *síntese neoclássica*, que substitui a taxa de juro convencional por uma taxa de juro denominada custo de oportunidade do capital; a *teoria do acelerador keynesiano*, em que o investimento depende simplesmente do crescimento esperado do consumo; e, finalmente, a *teoria da liquidez* ou do *fluxo interno de fundos*.

Bresser-Pereira faz uma crítica a cada uma das diversas teorias de investimento, mas ressalta que nenhuma delas é totalmente errada ou correta, pois “todas elas nos ajudam a entender o comportamento do investimento em *tempos normais*”. Por exemplo, na síntese neoclássica, a teoria do custo de capital foi indubitavelmente um avanço, porém é mais uma teoria financeira (*portfolio theory*), do que uma teoria de investimento, pois as firmas não investem até o ponto em que a taxa de retorno esperada seja, na margem, igual ao custo do capital. Elas suspendem os investimentos antes desse ponto, devido ao componente de risco do negócio (variabilidade dos retornos ao longo do horizonte do projeto), que Bresser-Pereira denominou diferencial seguro (*security gap*), equivalente ao *cushion pad*.

Em tempos excepcionais ou de crises mais duradouras, estruturais nas palavras de Bresser-Pereira, em que o diferencial da taxa esperada de lucro relativamente à taxa de juro é nulo ou negativo, diminui o poder explicativo

dessas teorias. Por outro lado, os governos usualmente seguem as recomendações das autoridades de Washington e procuram pagar os débitos e ajustar a economia gradualmente, quando se deveriam promover mudanças radicais. Ou seja, políticas graduais e convencionais somente pioram um sistema econômico já deteriorado. Por acaso, as conclusões desse estudo não se aplicam à atual e difícil situação econômica do Brasil, fruto de políticas econômicas equivocadas?

Bresser-Pereira conclui que a macroeconomia, antes de ser um sistema de teoremas ou modelos lógicos acerca do comportamento agregado dos agentes econômicos, é um sistema de modelos com conteúdo lógico, empírico e histórico.

III

Em síntese, a distribuição de renda em Bresser-Pereira tem como base o conceito clássico de excedente econômico, isto é, a produção total deduzida dos meios de produção utilizados no processo produtivo e que antecede sua efetiva repartição entre as classes sociais. Na teoria clássica, a distribuição de renda não resulta apenas das habilidades e talentos individuais, mas principalmente da estrutura de propriedade, das condições institucionais e políticas e do grau de desenvolvimento tecnológico. Esta teoria tem um caráter dialético e evolucionista, pois permite a contínua incorporação de fatos históricos novos, algo que Bresser-Pereira sempre considerou fundamental para compreender e interpretar a realidade

Este enfoque, como se sabe, é radicalmente diferente da concepção neoclássica, na qual a produção e distribuição de renda ocorrem simultaneamente, e os indivíduos não são reconhecidos pelo lugar que ocupam nas relações sociais de produção, mas sim unicamente pela posse de um “fator de produção”.

Referências bibliográficas

BELLOFIORE, Ricardo. *Tra teoria economica e la grande cultura europea: Piero Sraffa*. Milano: Franco Angeli, 1986.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *Acumulação de capital, lucros e juros*. São Paulo, 1970. (Texto para discussão FGV/Eaesp.)

_____. *Lucro, acumulação e crise*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Investment decision and the interest rate in normal and exceptional times. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION (LASA), 16. *Anais...* Washington, Apr. 1991. 12 p.

_____. Influências e contribuições. *Revista de Economia Política*, v. 20, n. 1, jan. 2000.

KALDOR, Nicholas. *Essays on value and distribution*. Illinois: The Free Press of Glencoe, 1960.

MANTEGA, Guido. A lei da taxa de lucro: a tendência da queda ou a queda da tendência? *Estudos Cebrap*, v. 16, abr.-jun. 1976.

ODA, Sobei H. The application of Pasinetti's vertical hyper-integration to time-saving technical progress and the input-output table. *Cambridge Journal of Economics*, v. 14, p. 241-246, 1991.

REGO, José Marcio. Processo de acumulação capitalista. *Senhor*, 25 nov. 1986. (Resenha de *Lucro, acumulação e crise*).

SCHEFOLD, Bertrand. Capital fijo, acumulación e progreso técnico. In: PASINETTI, Luigi (Org.). *Aportaciones a la teoría de la producción conjunta*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. (Serie de Economía.)

SRAFFA, Piero. *Production of commodities by means of commodities: prelude to a critic of economic theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1960.